



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

A FESTA MUSEALIZADA: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA NO CARIRI CEARENSE

Cícero Joaquim dos Santos*
(URCA)

RESUMO

Este relato de experiência apresenta considerações sobre o ensino de história local no Museu Casa da Memória de Porteiras/CE, especialmente no que concerne à abertura da exposição "A festa da Coroação: Usos e Representações", que ocorreu em maio de 2010. O Museu foi criado em 2007 a partir da mobilização popular provocada por um grupo de jovens auto-intitulado Retratores da Memória de Porteiras (REMOP), que desde então administra voluntariamente a Instituição. Refletindo sobre os usos da memória da festa no espaço museal, a pesquisa dialoga com os conceitos de representação e memória social e vem sendo desenvolvida a partir da metodologia da história oral. No espaço museal, as apropriações e as representações da festa foram problematizadas, o que elucidou as disputas pela memória e o potencial educativo do museu.

PALAVRAS-CHAVE: Festa Religiosa, Museu, Ensino de História.

INTRODUÇÃO

A potencialidade de um trabalho com objetos transformados em documentos reside na inversão de um "olhar de curiosidade" a

* Professor do Departamento de História da Universidade Regional do Cariri (URCA/CE). Mestre em História e Culturas pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Pesquisador do Laboratório de Imagens, História e Memória (LABIHM/URCA). Esse artigo é resultado do *Projeto Museu e Cidadania Cultural: a experiência educativa da Casa da Memória de Porteiras/CE (2004-2011)*, que integra o projeto de extensão *Reconstruindo as Memórias*. Este objetiva registrar a experiência do Museu supracitado e vem sendo financiado pela Pró-Reitoria de Extensão (PROEX/URCA). E-mail: cjoaquims@yahoo.com.br



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

respeito de "peças de museus – que maioria das vezes são expostos pelo seu valor estético e despertam o imaginário de crianças, jovens e adultos sobre um 'passado ultrapassado' ou 'mais atrasado' – e um 'olhar de indagação', de informação que pode aumentar o conhecimento sobre os homens e sobre sua história (BITTENCOURT, 2009, p. 355).

Em comemoração a 8ª Semana Nacional de Museus, evento celebrado nacionalmente e impulsionado pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), que acontece anualmente no mês de maio em alusão ao Dia Internacional dos Museus - dia 18 -, a Casa da Memória de Porteiras abriu, no dia 17 de maio de 2010, a exposição "A Festa da Coroação: Usos e representações".²⁶ Tal evento aconteceu em um momento no qual a população de Porteiras se deparava com um novo dilema: as mudanças implementadas na celebração da maior festa religiosa da cidade: a Coroação da padroeira Nossa Senhora da Conceição, que anualmente acontece no dia 31 daquele mês (SANTOS, 2007).

As alterações mencionadas referem-se as mudanças nas festividades populares daquela data, tradicionalmente celebradas após a comemoração religiosa. Portanto, o dilema diz respeito à tentativa de proibição das sociabilidades tidas como profanas por uma pequena parcela católica da população. Neste caso, a compreensão das festividades "profanas" diz respeito às práticas que fogem da conotação religiosa daquele momento, como é o caso da festa dançante, com forró, churrasco, bebidas, jogos de azar, brinquedos de diversão entre outras.

Logo, houve uma dissociação entre a festa religiosa e a profana. A cerimônia da coroação da Imaculada Conceição permaneceu no dia 31 de maio. Após a comemoração, os católicos passaram a contar com uma festa "diferente", com apresentações de canções religiosas, "músicas para Deus", como dizem os

²⁶ O município de Porteiras fica localizado na região do Cariri cearense. A criação do distrito de Porteiras data de 9 de agosto de 1858, no termo da vila de Jardim. A emancipação política ocorreu em 1889.

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

organizadores do evento. Já o tradicional forró que começava com o fim da celebração oficial e as demais comemorações populares supracitadas foram antecipadas para o dia 29. Assim, sagrado e profano foram separados entre o pôr do sol e o nascer do dia seguinte.

Nesse contexto, a abertura da exposição na Casa da Memória tinha o objetivo de problematizar as representações da referida festa religiosa construídas pelos porteirenses, visto que, conforme Ulpiano Menezes (1992, 1994), uma das funções dos objetos em um museu histórico consiste na problematização e reconstrução das memórias.

Assim, a exposição foi organizada tomado como referência a pedagogia do objeto gerador segundo a qual os objetos depositados em um espaço museológico, quando problematizados, podem revelar as tessituras das experiências vividas (RAMOS, 2004, 2001). Nesse sentido, ponderar sobre as representações da festa religiosa e envolvê-la em uma narrativa, construída em uma exposição museológica, requer além da atenção para as práticas de sociabilidades e os usos da cultura material que a representa, o direcionamento do olhar para a pretensão do grupo responsável pela organização da exposição, as apropriações desta pelos visitantes e, portanto, o potencial educativo do museu (RAMOS, 2004; BITTENCOURT, 2009). Lembremos que, “Atualmente, os debates sobre o papel educativo do museu afirmam que o objetivo não é mais a celebração e sim a reflexão crítica” (RAMOS, 2001, p. 111).

Nesse direcionamento, a coleta dos objetos foi promovida pelo Núcleo Educativo da Casa da Memória, sendo este composto pelos membros da Associação Retratores da Memória de Porteiras (REMOP). O grupo se apoiou em algumas pesquisas históricas que tomaram a referida festa como núcleo de investigação (SANTOS, 2007).

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Com base na perspectiva da história cultural, o grupo optou por colher objetos pertencentes aos moradores da cidade que em algum momento foram utilizados ou produzidos durante as comemorações festivas da celebração religiosa. Dessa forma, a proposta consistiu em utilizar objetos guardados nos arquivos privados. De velhos baús, caixas de madeiras e albúns fotográficos familiares foram recolhidos diversos bens materiais. Esse envolvimento direto do núcleo educativo com a população local obtém destaque pela percepção das sensibilidades que recobrem os usos e/ou a guarda dos objetos, pois como já afirmava Sandra Pesavento (2007, p.13), "a sensibilidade consegue, pela evocação ou pelo lembrar de uma sensação, reproduzir a experiência do vivido, reconfigurado pela presença do sentimento".

Dessa forma, problematizar as representações da referida festa religiosa no citado espaço museal representa abarcar o campo das memórias singulares e das identidades sociais. De igual modo, permite o despertar do olhar para as práticas educativas fora do espaço escolar e protagonizadas por jovens que tomaram a memória e o patrimônio cultural do seu lugar como instrumentos de luta. Percebemos, portanto, sua participação na construção da cidadania cultural (FERNANDES, 1997).

O potencial educativo da Casa da Memória

Estudantes e professores das escolas públicas e privadas de Porteiras participaram da solenidade oficial de abertura da exposição "A Festa da Coroação: Usos e Representações" na Casa da Memória de Porteiras. Além deles, líderes políticos, comerciantes, funcionários públicos, agricultores e donas de casa, bem como representantes de outros grupos populares também estiveram na ocasião. Isso demonstra a capacidade de mobilização da população desencadeada pelos



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

jovens da Associação REMOP. Convidados à ocasião, muitos seguiram o roteiro elaborado e construíram um diálogo com os jovens mediadores.

Logo na entrada da sala de exposição temporária, na qual acontecem as exposições de curta duração, alguns documentos históricos relacionados a festa foram expostos. Eram algumas passagens da ata da paróquia de Nossa Senhora da Conceição que apresentavam informações sobre as celebrações realizadas em outrora. As mesmas eram indagadas pelos mediadores que, por sua vez, despertavam a curiosidade dos visitantes sobre o passado da festa.

Segundo Nascimento (1995), a festa teve início em Porteiras no ano de 1934, promovida pela iniciativa da professora Maria do Carmo Simplício. Naquele contexto, a presença de padres na região era reduzida. Cabia, então, aos próprios moradores promoverem suas celebrações de devoção.

Na exposição, essa comemoração era problematizada como um momento de formação religiosa, congregação, reatamento de antigas relações sociais e também um instrumento político de projeção social, como podemos perceber ao analisarmos o escrito na ata da paróquia, no ano de 1961: “Dizem que o grande ‘milagre’ do mês foi o reatamento de paz entre o vigário e o Prefeito”. As apropriações populares da festa também foram expostas e convidavam os leitores a repensarem os modos com a celebração era entendida e apropriada pelas famílias abastadas e pelos líderes políticos, evidenciando sua dimensão política.

Também, a exposição levava os visitantes a repensarem a organização da festa e a compreensão do tempo sagrado, visto que o mês de maio em Porteiras é todo marcado por diversas formas de buscar o sagrado. Os católicos, que representam à maioria da população, a reconhece como à terra de Nossa Senhora da Conceição. Orar, coroar e festejar são sinônimos desse momento em que os católicos se organizam para participarem das diversas experiências religiosas que fazem desse período um momento especial (SANTOS, 2007).

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

O cenário das festividades marianas foi retratado na exposição através de fotografias que pertenciam aos moradores da cidade e que foram emprestadas para a ocasião. No centro da sala de exposição foi colocada uma estátua da santa para provocar os visitantes a representarem a festa a partir da imagem da padroeira. Em outras palavras, o grupo procurou por meio da referida imagem despertar a compreensão das práticas singulares daquele momento, a partir da atribuição de significados profundos à santa. Portanto, nessa circunstância, o objeto não foi exposto para ser cultuado, mas sim para possibilitar o debate sobre as representações e os usos sociais da festa. Logo, ele assumiu o status de um objeto gerador.

O objetivo primeiro do trabalho com o objeto gerador é exatamente motivar reflexões sobre as tramas entre sujeito e objeto: perceber a vida dos objetos, entender e sentir que os objetos expressam traços culturais, que os objetos são criações e criaturas do ser humano em sua historicidade. Ora, tal exercício deve partir do próprio cotidiano, pois assim se estabelece o diálogo, o conhecimento do novo na experiência vivida: conversa entre o que se sabe e o que se vai saber – leitura dos objetos como ato de procurar novas leituras. (RAMOS, 2001, p. 116-17).

Durante a noite, momentos antes dos fiéis saírem em direção à igreja, eram formadas duas grandes filas. Na frente ficavam as crianças, em seguida os jovens, adultos e idosos. Diversos grupos sociais se integravam, dos mais pobres aos privilegiados. Nesse momento, as duas primeiras crianças seguiam vestidas de anjos e levavam lâmpadas de cor vermelha, o que atraía a atenção de outras crianças e da população em geral (SANTOS, 2007).

Na saída da procissão, fogos de artifício eram atirados ao céu anunciando a sua partida. Tradicionalmente, quatro homens levavam o andor com a imagem da Santa ao centro, entre as duas filas. Ao final, a banda de pífaros seguia tocando, mostrando aos fiéis que a procissão passava. Ao chegar a Igreja, o barulho dos



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

fogos de artifício anunciavam o início da novena. Esses rituais obtiveram continuidade até os anos finais da década de 90, quando o pároco local, que havia assumido o compromisso eclesial com a Paróquia de Porteiras em 1995, pôs fim. O cortejo religioso continuou, entretanto, sem a tradicional organização.

Uma das ocasiões mais esperadas pelos religiosos era a noite dos motoristas, celebrada todos os anos no dia 30. Nessa ocasião, as pessoas que possuíam automóveis e motocicletas seguiam em procissão pela cidade em direção a igreja matriz, juntamente com os sujeitos que não possuíam esses meios de locomoção. Nesse momento era formada uma fila de automóveis que seguia buzinando, atraindo a atenção da população. Ao fim da fila, a imagem de Nossa Senhora da Conceição era levada em cima de um automóvel - geralmente bem ornamentado - e um outro o seguia com cânticos religiosos.

Entretanto, na exposição na Casa da Memória tal expressão era problematizada como um ato de fé e também um instrumento de projeção social na medida em que possibilitava visibilidade aos sujeitos detentores de automóveis, especialmente os que levavam a imagem da Santa. Logo, as disputas e tensões que recobria a festa também eram repensadas a partir do diálogo com os mediadores.

A culminância das expressões da religiosidade dos porteirenses católicos, nos dias do mês consagrado à Santa Maria, acontecia com a cerimônia de coroação da Santa, que ocorria todos os anos na noite do último domingo do mês de maio, em frente à igreja matriz, comumente celebrada com a participação de um grande número de fiéis da localidade e religiosos visitantes. Esse era considerado por muitos o momento mais esperado do ano. (NASCIMENTO, 1995).

Naquela noite, à medida que a população começava a chegar ao local da cerimônia, o espaço começava a ser ocupado e dividido segundo alguns critérios estabelecidos pelos organizadores do evento religioso. Todos os anos eram colocados alguns bancos de madeira que separam os degraus da Igreja, onde era

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

montado o altar, da população que acompanhava a cerimônia. Um espaço era reservado para algumas famílias, geralmente compostas por políticos, comerciantes e funcionários públicos, enquanto que o restante da população acompanhava de pé toda a celebração. Assim, a divisão do espaço estabelecia um meio de projeção social.

A cerimônia religiosa começava com a celebração de uma missa pelo pároco local. Em seguida, iniciava-se a coroação, que, tradicionalmente, era toda musicada e cantada pelas crianças e adolescentes que participavam. Apenas as meninas participavam representando anjos, astros celestes e camponeses, além das virtudes e da personagem coração. Ao longo do tempo, essas categorias, principalmente a do anjo, tornaram-se um ideal e um desejo de grande parte das crianças da localidade, em grande parte influenciadas por seus pais (SANTOS, 2007).

Tal representação também foi inserida na exposição. Próxima da imagem da Santa foi colocado um manequim com os vestes de um anjo. A proposta consistia em problematizar a (re)invenção dos seres celestes e, principalmente, indagar sobre a dimensão política que recobria a escolher das crianças para representá-los. A imagem da padroeira era coroada por duas delas, geralmente filhas de políticos, funcionários públicos de prestígio social ou outras pessoas influentes na localidade, o que demonstra que eram selecionadas segundo critérios que levavam em consideração a privilegiada posição social de algumas famílias. Isso levava os visitantes a pensar que, embora a festa possuísse fortes laços de pertença, também estava imersa no sentido político, do prestígio e do status social.

No Cariri cearense de outrora, as festas de santos eram também momentos de celebração e intensificação das práticas coletivas. Segundo o Sr. Joaquim Gonzaga, até os anos iniciais da segunda metade do século XX, após a cerimônia religiosa, a população participava dos leilões dirigidos pela ordem religiosa, que



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

envolvia fortemente o povo. Após os leilões, todos dirigiam-se aos salões de forró, animados pelos sanfoneiros. Tais espaços de divertimento ficavam em diferentes lugares da cidade. Entre os anos de 1990 a 1995 o parque de diversões tornou-se mais um atrativo para a folia popular. As festas passaram a contar, também, com apresentações de bandas musicais modernas no antigo campo da cidade, que, na ocasião, se tornava o centro das festividades populares.²⁷ Posteriormente, as festividades tomaram a nova área de lazer da cidade, a Praça da Liberdade, reconstruída por volta de 1995.

Observamos que, nas práticas de sociabilidades, a população reforçava suas ações de fé e de diversão. Esse era o momento de orar e festejar entre familiares, amigos e visitantes, o dia de coroação da padroeira. Tal circunstância movimentava toda a cidade. Bancas de diversos artefatos e jogos de azar eram armadas nas ruas e os bares sempre freqüentados. No parque de diversões, crianças e jovens divertiam-se nos diversos brinquedos e a população dançava e festejava com bebidas em um grande campo de diversão. Isso nos lembra que,

As festas são caracterizadas pela regularidade temporal com que acontecem, pelo sentido de renovação que trazem, pela exuberância que provocam, sendo ocasião de liberação de impulsos, práticas de excessos e esbanjamentos, onde a dança, a música, a comida e a bebida são elementos sempre presentes. As festas são momentos de intensificação da vida coletiva. (SOUSA Apud SOUZA, 1992, p.26).

Nesse direcionamento, foi montada uma mesa de bar em um dos lados da sala de exposição. As garrafas de cervejas se misturaram aos demais objetos da celebração para provocar a reflexão sobre os diferentes usos da bebida na ocasião, visto que "fazer relações entre artefatos diferentes pode deixar a reflexão com

²⁷ Narrativa de Joaquim Luiz dos Santos. 66 anos. Entrevista realizada em março de 2007.

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

mais carga de conhecimento histórico" (RAMOS, 2001, p.112). Nesse sentido, os mediadores lembravam ao visitantes que o conjunto de práticas sociais daquele momento compunham a festa. Beber também representava uma forma de celebração e intensificação das práticas de socialização daquele momento.

Além do simbolismo religioso e da intensificação das práticas coletivas, o comércio do município obtinha desenvolvimento. Os comerciantes tinham na ocasião um momento de melhores vendas. Para os setores populares, esse era um momento de obtenção de um ganho extra com a comercialização de produtos diversos. Vale lembrar que os setores populares criam e transformam as práticas religiosas segundo suas heranças culturais, experiências e necessidades, reconstruindo seus significados.

Em meio ao conjunto de objetos expostos, um manequim bem vestido chamava a atenção e despertava curiosidades e risadas nos visitantes. Tratava-se de um antigo costume existente no período da festa. Todos os anos a população costumava comprar uma roupa nova na feira que era montada na avenida central da cidade. Para os católicos, o ato de usar uma roupa nova era fundamental para a ocasião, até mesmo para as famílias mais pobres. Sendo a maior festa popular do município, as pessoas procuravam se apresentar bem vestidas. Tal costume denuncia mais um simbolismo, presente nas vestes, como se a roupa nova representasse a efetiva participação dos indivíduos nessas comemorações (SANTOS, 2007).

No outro recanto da sala, os instrumentos musicais utilizados nos forrós também foram evidenciados. Dessa forma, quem visitava a exposição se deparava com objetos que provocavam a reflexão acerca do entrelaçamento de sentidos que compunham a festa religiosa e os momentos de diversão, ao término da celebração.

Nesse direcionamento, o entrelaçamento das práticas sagradas e profanas nas comemorações da festa da padroeira de Porteiras foi colocado em questão



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

através de um painel de fotografias. As fotos que antes se encontravam em albúns familiares foram expostas. Intitulado Memórias Entrelaçadas, o painel provocava a reflexão sobre as variadas vivências daquele momento. Crianças nos parques; Famílias bebendo em mesas e acompanhadas de amigos; Crianças vestidas de anjos; Maçãs do amor e uma diversidade de imagens revelava como a festa era vivida e apropriadas de diversos modos. Assim, os próprios moradores do lugar se viam reconhecidos e representados na exposição. De igual modo, questionavam sobre as alterações realizadas naquele ano de 2010, em especial àquelas tocantes à dissociação entre a festa religiosa e a profana. Esse foi o mote da exposição: conhecer o passado e o presente da festa de modo crítico.

CONCLUSÕES

Diante do exposto, percebemos que a exposição sobre os usos e as representações da festa religiosa na Casa da Memória de Porteiras possibilitou o diálogo sobre as questões que tocavam o passado e as memórias singulares dos porteirenses. Tal experiência é reveladora do valor e da importância dos estudos de história local e regional nos espaços museológicos para a construção das identidades sociais e da consciência crítica e histórica. Lembremos Ramos,

Conhecer o passado de modo crítico significa, antes de tudo, viver o tempo presente como mudança, como algo que não era, que está sendo e que pode ser diferente. Mostrando relações historicamente fundamentadas entre objetos atuais e de outros tempos, o museu ganha substância educativa, pois são construídas relações entre o que passou, o que está passando e o que pode passar. (RAMOS, 2011, p.111).

A ação educativa na Casa da Memória de Porteiras demonstrou como os estudos da história local no museu comunitário pode contribuir à construção da



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

cidadania cultural e o fortalecimento dos sentimentos de pertencimento e identidade social dos diferentes indivíduos e grupos sociais, além do seu reconhecimento enquanto sujeitos históricos.

A partir da exposição museológica percebemos que a festa da coroação da padroeira de Porteiras e as demais comemorações católicas do período analisado eram entendidas a partir de diferentes sentidos que lhe foram atribuídos, muitos dos quais permanecem nas memórias e nas práticas dos católicos caririenses. Vale ressaltar que: “A experiência do sagrado é apropriada de maneiras diversas pelos grupos ou por indivíduos, caracterizando uma pluralidade de usos e de entendimentos” (GAETA, 1997, p.15).

A imersão da festa no espaço museal possibilitou, portanto, a reflexão e o debate acerca das sensibilidades e das representações concernentes a maior celebração religiosa dos porteirenses, visto que “o trabalho com a história local no ensino possibilita a construção de uma história mais plural, que não silencie a multiplicidade das realidades” (HORN, 2006, p.120). De igual modo, permitiu o debate crítico sobre as alterações promovidas, o que despertou a reconstrução das memórias sobre a festa, sua pluralidade e complexidade.

REFERÊNCIAS

- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: Fundamentos e métodos**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- FERNANDES, José Ricardo Oriá. Educação, cidadania e diversidade cultural. In: **Revista Humanidades**, Brasília, n. 24, 1997.
- GAETA, Maria A. J. Veiga. A Cultura clerical e a folia popular. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 17, n. 34, 1997.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

-
- HORN, Geraldo Balduino; GERMINARI, Geysongley. **O ensino de história e seu currículo: Teoria e método.** Petrópolis: Vozes, 2006.
- MENEZES, Ulpiano T. Bezerra. Do teatro da memória ao laboratório da história: a exploração museológica e o conhecimento histórico. In: **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 2, 1994.
- _____. **Como explorar um museu histórico.** São Paulo: Museu Paulista, 1992.
- NASCIMENTO, Antônio Vicelmo. **Roteiro histórico de Porteiras.** Porteiras: Prefeitura Municipal de Porteiras, 1995.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades: escrita e leitura da alma. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy e LAGUE, Frédérique. **Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais.** Porto Alegre: UFRGS, 2007.
- RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto: o museu no ensino de História.** Chapecó: Argos, 2004.
- _____. Museu, ensino de história e sociedade de consumo. In: **Trajetos**, Fortaleza, v. 1, n. 1, 2001.
- SANTOS, Cícero Joaquim dos. "É a festa melhor que há": a Coroação de Nossa Senhora da Conceição em Porteiras-CE. In: **Propostas Alternativas**, Fortaleza, n.15, 2007, pp. 2-12.
- SOUZA, Océlio Teixeira. A festa do pau da bandeira de Santo Antônio de Barbalha: algumas reflexões. In: LIMA, Marinalva Vilar e MARQUES, Roberto (Org.). **Estudos regionais: limites e possibilidades.** Crato: NERE/CERES, 2004.